



Саша Сова





*Adelaide Estorvo*

*Álvaro Souza Maiotti*

*Ana Clara Fonseca*

*Ana Paula de Ávila Gomide*

*André Phelipe dos Santos*

*Betânia Noll de Oliveira*

*Carolina Dias*

*Celso Suarana*

*Daniel Melo*

*Débora Andrade*

*Érika Tayna Gonçalves Medeiros*

*Formigão*

*João Gomes Junior*

*Marco Aurélio Abrão*

*Mônica Moreira*

*Nathália Rinaldi*

*Rita Bocato*

*Roberto Simão*

*Veronica Andrea González*

*Vinícius Vieira Galvão*

## NOTA-SE

Por Gabriel Galbiatti Nunes  
& Victor Prado

Sabe, são muitos os motivos para escrever. Houve outros dias que dizemos a todos nossa relação de escrita com alguns verbos<sup>1</sup>. É verdade! Sonhamos nossos versos, períodos, orações, e todas as outras formas com que palavras se organizam e partem de nós.

Mas, com um olhar mais atento, vemos que isso não basta. Há algo mais que guia o deslocamento destas palavras para o papel. Existe esta outra coisa que, aqui, presos dentro de casa, começa a crescer e crescer e crescer em nós... Essa outra coisa que nos motiva a falar. Que torna impossível não falar. Esta coisa que, mesmo rindo do fato de que estamos às voltas com nossa impotência, grita: *Faça alguma coisa para sair deste abismo!*

Eis outro motivo pelo qual escrevemos: escrevemos, aqui, pois sentimos medo. O medo? Ele é bem simples: nosso medo nasce quando nos confrontamos com a história do presente e vemos que somos *bichxs* sem nome. Somos pessoas esquecidas na linha da história, muito provavelmente como você, que lê esta nota.

E, afinal, qual o problema do esquecimento? Por que não gozar da esmagadora leveza que existe em ser invisível? Veja: nosso medo surge, pois, vemos que aqueles com força capaz de serem nomeados, com poder para interferir na vida dos

---

1 Para aqueles que não fazem a menor ideia do que estamos falando, favor, conferir a nota de abertura da [edição anterior da revista Habitat](#).



sem nome, têm olhado para nós e dito *E dai?*. Afinal, essas pessoas com nome não são coveiros, declaram que não entendem nada de economia e, em meio a crises, não são capazes de fazer milagres — mesmo carregando no sangue o *Messias*.

O medo surge para nós, os sem nome, agora, encurralados por um maldito destino de destruição, sabendo que não há nomes aos quais possamos recorrer.

Não há a quem pedir socorro. Não há!

Mas o medo traz consigo uma contradição importantíssima: o medo gera essa impotência que grita. É com medo que escrevemos, aqui, pois ele canta aos nossos ouvidos sua música: *Seu destino maldito está selado, você não fará nada?*

Assustados, nos perguntamos: *que lugar daremos um jeito de habitar com nossas existências?*

**Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado** são responsáveis, juntamente com **Lígia Sene**, pela **Artefato Edições**.



# HABITAT

- 04     **NOTA-SE**  
*Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado*
- 09     **QUINAS**
- 11     **Despencar franciscos**  
*Adelaide Estorvo*
- 14     **Trabalho dos sonhos**  
*Álvaro de Souza Maiotti*
- 16     **Chuveiro elétrico**  
*Ana Clara Fonseca*
- 18     **O trabalho para a morte em tempos de pandemia**  
*Ana Paula de Ávila Gomide*
- 21     **Vi no noticiário**  
*André Phelipe dos Santos*
- 22     **Aqui**  
*Betânia Noll de Oliveira*

- 23 **Fuga**  
*Carolina Dias*
- 25 **O flautista**  
*Celso Suarana*
- 27 **O juramento de Hipócrates**  
*Daniel Melo*
- 30 **Amor em tempos de coronavírus**  
*Débora Andrade*
- 32 **Prece utópica**  
*Érika Tayna Gonçalves Medeiros*
- 34 **[Sem título]**  
*Formigão*
- 37 **As compras**  
*João Gomes Junior*
- 41 **Pastiche**  
*Marco Aurélio Abrão*

- 43 **Piloto automático**  
*Mônica Moreira*
- 44 **Fragmento de diário autoficcional**  
*Nathália Rinaldi*
- 46 **Confissão**  
*Rita Bocato*
- 47 **Um caso de família**  
*Roberto Simão*
- 50 **Prefiero ser sueño en realidad**  
*Veronica Andrea González*
- 53 **Uma carta de adeus**  
*Vinicius Vieira Galvão*
- 58 **PUXADINHO**



# QUINAS

Errar é humano e mesmo quando prestamos muita atenção, às vezes, metemos o mindinho na quina da cama, da mesa, da porta, etc. Com sorte, isso não acontece (muitas vezes) em sequência. Por isso, abrimos a *Quinas*, a seção de erratas da *HABITAT*.

Aqui, sinalizaremos as correções dos erros presentes nas edições anteriores dessa revista. E, para que essa seção não fique vazia logo de cara, já encontramos uma errata a fazer:

1. No rodapé da página 72 da *edição anterior da HABITAT*, erramos. Onde se lê *Marília Botelho Sares Dutra Fernandes*, leia-se *Marília Botelho Soares Dutra Fernandes*.

Por hora, só temos essa errata. Mas veremos como fica nossa situação na edição seguinte. Ah, caso você note algo estranho ou algum erro nesta edição da *HABITAT*, nos sinalize por email: [conjuntoartefato@gmail.com](mailto:conjuntoartefato@gmail.com). Agradecemos o favor!

Ah (2), estamos pensando em abrir uma seção de Cartas dxs Leitorxs. Então, caso você queira nos enviar alguma crítica, sugestão, elogio, comentário etc, fique à vontade! Se recebermos algum material, iniciaremos esta seção na próxima leva da *HABITAT*.

Boa leitura e um forte abraço virtual,  
Artefato Edições | [artefato.art.br](http://artefato.art.br)

# **HABITAT**

a manhã ainda ia fria de amanhecimento. a cabeça me doía, mas o sorriso ia largo, folgado na cara. pois que eu ia mesmo em abobalhado equilíbramento por sobre os verdes e os amarelos que se alternavam pela guia da calçada, tempos idos de futebol na televisão e vida de bairro. de repente que tudo era feito de saudade. parei de frente pra casa grande da esquina, o olho demorado, o rosto afrouxeado, meio boca e aberto, aquela casa tinha cara de solange, um portão bem ensolajado. na ponta dos pés, acariciei, meio afetada meio bailarínica, o ar, o ar que fazia frente pra casa com cara de solange. corri, segui correndo, uma corrida imitando vôos de aves do paraíso. agora, patos em revoada. saltitei por de frente aos hibiscos, tamborilei as unhas no tronco do mamoeiro. os carros passando, olhavam-me estranhado seus motoristas, eu acenava de volta, inclinada, prestando como que medidas aos membros da corte da vila. os homens da oficina mecânica se riam de mim, também os do hortifrúti. as senhoras de dentro de seus portões, os chinelos com as tiras adornadas de contas de pérolas falsas, desavergonhadas de seu malgosto, olhavam-me como se olhassem a peste, como se olhassem uma pilha de carne putrefata malcheirosa de dar gosto. eu lhes oferecia meu mais palhacesco gracejo em retribuição. pois que saiba, você que me lê, perdi ontem um grande companheiro. companhia. sabia que companhia, em etimologia [ajeita os óculos], vem de cum + panis, aqueles com quem se reparte os pães. desde ontem até meu fina-

mento, não hei de comer pães, pior, hei de comê-los a sós com as facas. “sim, suas mexeriqueiras, seus bando de brutamontes, agora irei fartar-me de pães, comerei os pães até que me rompam os intestinos em massas, miolos e farelos! sim!”, e corri, deixando atônita, a audiência perplexa de ver gracejos demolirem-se em palavras plenas em fúria e esvaçadas de sentido. chegando em casa, subi à mesa, caminhei grave até o proscênio e declarei aos potes e às caçarolas que de agora em diante tudo seria em número de 1, e pulei em direção ao armário, atirando as louças até que fossem reduzidas a uma unidade de cada. trememente, amotinada de adrenalina, olhei para as escadas e disse-lhes que hoje tinham feições de francisco, e francisquei-lhe os degraus acima. do topo, lancei lhes, a todos, um olhar de desprezo profundo, que nojo senti dos que não figuravam lá embaixo, ~criaturas simplórias e medíocres~, xinguei mesmo os ausentes. já em meu quarto, ouço a voz de minha mãe. de cima da penteadeira, sua fotografia ralha doce comigo, “e tem precisão de tudo isso? não, não pode ser assim. eu bem vi você andando toda cheia de moda, feito louca, boba, pela rua. isso é jeito de falar com a vizinhança? seu problema é esse, sempre foi, não tem medida, qualquer coisa lhe deixa assim, querendo se amostar”. sentei-me à cama, estava macia diferente, tinha uma coisa de daniel. de repente que tudo era feito de saudade. desdanielei-lhe os lençóis, ajeitei-me torta no colchão e fiquei a olhar a lâmpada. “porque tenho eu de me gemer em silêncio se já não há mais ninguém à volta?”, “ah, a senhora minha mãe que me perdoe, mas eu tenho que ser assim, eu tenho que engrandecer as coisas de absurdos, se não, não me suportaria, se não, não os suportaria”. mas envergonhei-me. envergonhei-me de permitir-me cinco minutos de em-

bobalhãço, de ridiculisses. haviam se partido de mim, daqui, quase todos, agora mais um. “ao presente”, pensei, “só me resta o desatino”. li no semanário, mais cedo: “não pensemos no futuro, não é hora para entregarmo-nos aos prognósticos, permaneçamos vigilantes e de pés fincados ao que se apresenta”. “eu nada que tenho que ver com futuros mesmo, por certo”, decidi-me. levantei-me, vesti-me de meu melhor vestimento, botei mesmo chapéu e lenço. acariciei o rádio até que me chorasse uma canção bonita e, de pé, do topo de francisco, larguei-me a rodopiar os ossos em quinas.

*São Paulo, 24 de abril de 2020*

**ADELAIDE ESTORVO //**

É uma investigadora dos modos de se habitar a bobagem. Nascida, espera. Está em processo de desenhar um olho para ver mínimos.



Que pesadelo mais sombrio!

Estava num amplo galpão fabril, mal iluminado, repleto de camas hospitalares. As camas estavam ocupadas e dispostas em fileiras, como numa grande linha de produção. As pessoas que as ocupavam, aparentemente saudáveis, tinham conectados às suas cabeças eletrodos cujas extremidades encontravam-se conectadas a uma máquina semelhante a um computador. Máquinas, fios, pessoas e camas hospitalares repetiam-se sequencial e infinitamente compondo um cenário de ficção científica. Ao soar de um sinal, as luzes se acenderam. Paulatinamente, as pessoas que ocupavam as camas começaram a se levantar e a desconectar os fios que as prendiam às máquinas.

— Quinze minutos para o café!

Todos pareciam estar muito bem. Enquanto comiam, conversavam sobre os mais diversos assuntos: família, política, religião, economia, saúde, educação, a viagem das últimas férias...

O sinal tocou novamente indicando o término do café. Todos retornaram aos seus lugares, dando continuidade às suas tarefas. Caminhando entre as camas observei que as telas das máquinas exibiam paisagens belíssimas — como se fosse possível apresentar em imagem a própria felicidade. Recordei-me de um texto de Bauman que denunciava o caráter parasitário do capitalismo, e então me dei conta de

que todas aquelas pessoas estavam sonhando. Seus sonhos eram captados por meio dos eletrodos e transferidos para as máquinas. De lá seriam vendidos por um custo altíssimo a uma pequena parcela da sociedade que, diante de uma crise sanitária de proporções globais, se via incapaz de sonhar. Tentei chorar e não consegui. Gritei a plenos pulmões, mas meus lábios eram incapazes de projetar qualquer som.

— Álvaro! Álvaro!

— O que foi?

— Você estava longe, meu amigo. A pausa acabou. Temos ainda muitos sonhos a produzir. Volte ao trabalho!

Liguei a máquina. Reconectei os eletrodos em minha cabeça. Deitei na cama...

*26 de abril de 2020*

### **ÁLVARO SOUZA MAIOTTI //**

Especialista em Educação e Tecnologias: Design Instrucional - Projeto e Desenho Pedagógico (UFSCar - 2019), Sociologia para o Ensino Médio (UnB - 2019) e Ensino de Filosofia (UFSM - 2018). Licenciado em Pedagogia (UAM - 2017) e em Filosofia (Unifal - 2013). Artista plástico e músico amador, atua como Professor de Educação Básica II na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2013. Idealizador do blog [\*O Saber inútil\*](#).



Hoje eu acordei o dia estava cinza. Engraçado porque não estava acostumada a ver o céu dessa cor, não por aqui.

Também não me senti bem com o banho frio e desejei, pela primeira vez, um chuveiro elétrico.

Respirei fundo algumas vezes e não tive sucesso, o peito doeu. Eu sabia que não era nada que fosse me tirar do eixo, era só a ansiedade rotineira que resolveu deixar o ar preso nessa caixa dentro de mim, que eu nem sabia que tinha.

Observei pela janela alguém instalando ar condicionado para o vizinho. Pensei o quanto tudo pode estar sendo novo para ele, até mesmo a temperatura dentro da própria casa. Talvez ele passasse pouquíssimo tempo ali, chegava quando o sol já tinha se posto e a noite era fresca. Assistia o jornal com um copo de cerveja na mão. Agora, com uma xícara de café e dois aparelhos de ar condicionado ligados.

No final da tarde me lembrei que não havia tomado um copo d'água sequer, mas sim algumas xícaras de café. É melhor me apressar com esse copo antes que o estômago revire em uma dor forte que precisará ser controlada com os ares do meu pulmão. Nos quais não tenho agora.

Cada pequena palavra que transcrevo me faz pensar em quantas vezes quis colocar RESPIRAÇÃO. Um, dois, três, quatro, cinco, inspira. Sentindo o ar passear por todo o corpo, e um, dois, três, quatro, cinco, seis, expira. Sentindo o ar sair devagar.



Às vezes, me lembro de exercitar assim o espaço fechado do meu peito, é quando percebo o quanto ele está de férias de mim.

17

Quando o banho gelado me toma sem eu querer tomá-lo ele também me trava os pulmões. Mas deixo a água cair e acabo saindo de lá melhor. A água leva o que há de ruim instalado.

Poderia ser um chuveiro elétrico.

*16 de abril de 2020*

### **ANA CLARA FONSECA //**

Jornalista formada pela UFOP, doula, mulher livre e mãe. A maternidade foi a maior transformação de mim mesma. Uso da escrita como ponte de sentimentos e vivências diárias. Nascida no interior de SP e recentemente vivendo em terras potiguares, trilho caminhos de luta e resistência.



“Podem morrer 7 ou 7 mil pessoas, mas..., tudo bem: se forem pessoas produtivas, a gente contrata outras para ocuparem seus lugares”. Esta frase alude a um fato cruel que tem ocorrido em tempos de pandemia no Brasil. Grandes empresários que concentram a maior parte da renda deste país com tanta desigualdade social têm desavergonhadamente declarado na imprensa suas ‘revoltas’ diante do fechamento do comércio e de medidas de isolamento social para conter a propagação do vírus mortal. Dizem estar preocupados com a economia nacional e com o progresso conclamando em alto e em bom tom que o “mercado não pode parar”.

Quando uma pessoa defensora do neoliberalismo num contexto de morte e de vulnerabilidade social geral chega a afirmar nas redes sociais que a “morte de 7000 pessoas” é inócua e insignificante, frente à possibilidade de perdas de seu lucro (reduzindo vidas e mortes às estatísticas e ao cálculo instrumental de ganhos e perdas do capital), torna-se imperativo nos voltarmos para nossos julgamentos e sensibilidade ética para enfrentar uma questão fundamental: nosso processo “civilizatório” falhou. Adorno estava certo quando afirmou muitas décadas atrás, acerca do genocídio nazista, que pessoas que tentavam amenizar o ocorrido citando números (“ora...Não foram tantos assim que morreram em campos de concentração...”) revelavam a mesma lógica assassina e instrumental da racionalidade fascista, por sua vez, colocada em prática pelo governo nazista. Daí, quando nos depa-

ramos no Brasil com a declaração cínica destes senhores de altos poderes econômicos, financiadores do bolsonarismo, de que não importam as vidas de pobres, das pessoas mais exploradas e atacadas pela perversidade do capitalismo selvagem diante da engrenagem do mercado - desde que esta engrenagem continue funcionando -, não é de se espantar que tudo leva a crer que estamos mesmo próximos do fascismo. As medidas provisórias deste desgoverno, os discursos fantasiosos de desmerecimento da ciência e do trabalho intelectual, o negacionismo histórico e de dados empíricos comprovados que apontam casos de pessoas infectadas pelo Covid 19, e o desprezo pelas massas por aqueles que estão condenados às margens da sociedade (Que sociedade??), revelam que tal racionalidade instrumentalizada, cínica e mortificante prevaleceu. E esta é aquela que dá embasamento à agenda neoliberal que, por sua vez, pode também se articular com políticas autoritárias. E, ainda, há algo a mais neste apelo à volta ao trabalho: trata-se de uma censura por parte daqueles propensos a uma mentalidade autoritária àquilo que classificam de “vagabundagem”, “nada a fazer”, desperdício de tempo, ou seja, significa um repúdio por “formas de vida” que possam instigar os sujeitos ao prazer do ócio (mesmo sabendo que muitos não têm condições objetivas para tal - o parar o trabalho, para estes, significa concretamente mais exclusão e morte). Estas mentalidades têm horror a isto tudo, pois, de tão enrijecidos e presos à sua condição de ter que se dobrar às eficiências do capital e ao trabalho, forjaram uma identidade pela dureza e pelo ódio, cujas manifestações se voltam aos outros que não se enquadram a tal lógica. Estas pessoas que fazem a apologia ao trabalho e que querem continuar de forma obscena defendendo seus lucros

20 (às custas de doenças e mortes de humanos) são as mesmas que já se encontram mortas por dentro, pois perderam toda a sua capacidade de identificação com o mais frágil que lhe relembraria da sua própria fragilidade que, não obstante, eles têm que incessantemente de recalcar. São homens que renunciaram à vivacidade da vida, mediados pelos apelos do ganho e da dominação.



**ANA PAULA DE ÁVILA GOMIDE //**

Professora Associada 2 do Instituto de Psicologia da UFU-MG, Doutora em psicologia pela USP-SP, e uma das coordenadoras do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Filosofia Social.

Vi no noticiário  
Que pro mundo conhecido  
A gente não volta mais não.  
Do caos chamado normalidade,  
A gente se despede dando a mão.  
A mão não, já que agora contamina.  
E eu só queria uma rima, inda que enferma.  
Só isso não, queria também você.  
Se antes disso tudo, tudo era solidão.  
Fantasio o fim do mundo noutros traços:  
Seu braço, abraço, enlace...

Um lapso.

**ANDRÉ PHELIFE DOS SANTOS //**

É estudante de graduação do último ano do curso de Letras Português/Grego Antigo na Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Araraquara. Foi monitor de Língua Grega pelo departamento de Linguística em 2019. Publicou em 2015 um livreto de poesias intitulado de “A primavera da vida - poemas da mocidade”.



eu sou literal  
e presente  
não tenho paralelismos  
eu me vejo crescer  
e maternar a minha criança  
eu me vejo crescer  
e ancorar certa leveza e serenidade  
num lugar dentro de mim  
que ondula pra além de mim  
eu me vejo crescer  
e coisas novas nascerem  
e coisas velhas partirem  
e a cada dia esse frescor é maior  
esse frescor de coisa nova  
esse frescor em mim  
de quem atravessou pro lado de lá do passado  
de quem está aqui  
agora



**BETÂNIA NOLL DE OLIVEIRA //**

Escritora, artista plástica e arquiteta e urbanista. Coloca forma onde tem sentir. Fala de toque, reconhecimento, florescimento e encontros.

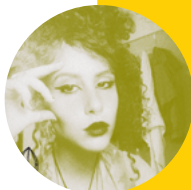
Imóvel observo a última das lágrimas detidas  
derretendo por entre meus dedos finos e arqueados,  
fugindo vertiginosa de minha lástima corneal.  
Chegando no antro, os vincos e rugas atravancam a desertora  
— maldita hora em que despregou-se das pálpebras —,  
pega uma das avenidas palmares  
avança através dos trilhos hereditários  
e em um desvio resvalado alcança o topo do tronco cárneo,  
amofina os solos mais sensíveis que, sedentos,  
tentam consumi-la  
— poderia sepultar seu tormento dissipando-a num atrito tátil,  
mas a deixo prosseguir.  
perpassa os galhos azuis internos ansiando ser espessa e rubra.  
Lamentavelmente, continua vítrea  
e imprestável.  
Para que serve, de fato, a lágrima?  
Ambígua etérea volúvel  
fusão dos deuses do limbo gozo de plena aflição  
liquefação dos sentimentos velados.  
Continua sua via sacra, perseverante, passa pelos cílios,  
abundantes e prolongados filamentos mecânicos  
que tecem sua contenção.  
Não se dá por vencida,  
escorrega pelas correntes queratinosas  
e, sacrificando alguns corpúsculos aos corpos sequiosos,  
escapa.

24    Seria profícuo o fado se não fosse infortuno:  
sucede-se a queda súbita da diminuta gota.  
Sucumbe aos lençóis que a sorvem pelos poros  
em-menos-de-um-milésimo,  
secando todos os vestígios do que outrora fora.

*10 de abril de 2020*

### **CAROLINA DIAS //**

Nascida em Ribeirão Preto, SP, e alfabetizada no universo poético. Atualmente cursa Relações Internacionais na Unesp de Franca, mas mantém um laço estreito com a arte. Além dos versos, poetiza estampas, quadros e (a mais nova paixão) tatuagens. Foi ganhadora do concurso Incubadora Cultural (RP) em 1º e 2º lugar respectivamente nos anos de 2018 e 2019, além de apresentar poemas em eventos literários como a Feira do Livro de Ribeirão Preto (2019).





É por ali, nos escombros que devemos seguir. Entulhos, trapos ao vento, lixo hospitalar, os restos do que foi essa cidade. A coceira no nariz me distrai do caminho. O instinto leva minha mão ao respirador da máscara. Me vem um sorriso. Há quanto tempo não sorria? Que inocência essa minha distração, até esqueço que isso não faz parte de meu rosto. Pedras, restos de barracos de lona, pombos e silêncio. Paro e prendo a respiração, tenho todo o cuidado do mundo para erguer um pouco essa máscara e escutar melhor.

Silêncio.

Não há mais o som daquela flauta. Seria alucinação?

Silêncio.

Recoloco a máscara e olho atento para o chão. Onde estão os ratos?

Vou ficar aqui bem quieto, no meio de tanto lixo eles terão que aparecer, eles devem estar por aqui. Somente eles podem me guiar agora. Onde estão? Quem emergirá dos esgotos para roer essas ossadas? Quem vai comer essa pilha

26 de corpos secos? Cadê vocês? Para onde seguem? Me levem, seus danados, até o flautista que lhes chama.

Deixem-me alcançar a sua salvação.

*escrito entre 15 e 20 de abril de 2020*

### **CELSO SUARANA //**

É músico, ator e escritor. Natural de Minas Gerais, atualmente vive e trabalha em São Paulo, onde participou de grupos teatrais como a Cia. Ilustrada e Cia. da Galhofa, entre outros. Em 2019, publicou o romance "O Cabaré do Fim dos Tempos" pela editora Subsola. Em 2020, publicou o conto "O Garanhão da Madrugada", na antologia "Todas as formas de amor", da Editora Cartola.



Há cerca de um mês fazia o mesmo ritual diariamente no hospital geral que trabalhava. Nunca imaginou o peso do juramento feito no dia da formatura. *“Prometo solenemente consagrar a minha vida ao serviço da humanidade”*.

O ritual consistia em lavar bem as mãos com água e sabão líquido. Vestir o avental. Colocar a máscara e protetor facial. Por hábito, antes de colocar a luva, ainda passava um pouco de álcool em gel nas mãos. Todo cuidado era pouco no momento atual de risco. *“Exercerei a minha arte com consciência e dignidade”*.

A pandemia alastrava-se como fogo na palha. As medidas iniciais tomadas pelo presidente foram apenas paliativas. As salas de emergência e consultórios foram ficando cada dia mais e mais cheias. Cada pessoa que chegava clamava para que seu caso fosse prioritário. *“A saúde do meu doente será a minha primeira preocupação”*.

Naquele dia a situação tinha se agravado ainda mais. A UTI estava lotada. Os leitos também haviam se esgotado. Mas a rotatividade era alta, pois com falta de respiradores ou mesmo de estrutura e equipamentos para entubar os casos mais graves, muitos não aguentavam esperar e morriam. Enquanto um profissional retirava de maca o corpo coberto por um pano branco, outro acompanhava um novo paciente, que precisava esperar na maioria das vezes a higienização do quarto ou leito que ocuparia. Os relatos que ouviu daqueles

que estavam sobre seu cuidado eram marcados pela tristeza, pela dor do afastamento de seus entes queridos e da quase certeza que não poderia se despedir. *“Mesmo após a morte do doente respeitarei os segredos que me tiver confiado”*.

O tempo do plantão escorria pelos dedos, assim como os procedimentos que poderiam ser feitos diante de tal calamidade e como a vida dos assistidos naquele hospital geral. Somente se deu conta do que estava acontecendo quando um colega médico foi mais incisivo ao gritar seu nome. Deixou que outro médico continuasse verificando os leitos e quartos e dirigiu-se para o centro cirúrgico. *“Mantereí por todos os meios ao meu alcance, a honra e as nobres tradições da profissão médica”*.

Logo na antessala, era esperado por um homem, também todo protegido como os demais profissionais de saúde, mas podia se perceber que por baixo dos equipamentos de proteção suas vestes eram de um militar. Engoliu seco ao ouvir a voz rouca e fria emanada por aquela autoridade. Precisaria operar imediatamente a pessoa mais odiada do país. *“Não permitirei que considerações de religião, nacionalidade, raça, partido político, ou posição social se interponham entre o meu dever e o meu doente”*.

A tensão só aumentou quando, apesar de ter insistido com posicionamento contrário, o militar manifestou sua intenção de acompanhar toda a cirurgia. Como havia um risco de morte, precisaria certificar que a equipe médica faria os procedimentos necessários para resguardar a integridade daquele sujeito, que havia ceifado nos últimos dias mais vidas que os piores ditadores nos últimos séculos com suas atrapalhadas políticas. *“Guardarei respeito absoluto pela vida huma-*

*na desde o seu início, mesmo sob ameaça e não farei uso dos meus conhecimentos médicos contra as leis da humanidade”.*

Respirou profundamente. Sob o fiel de sua espada estava o destino de toda uma população. Se algo acontecesse de errado, sabia que recairia sobre sua responsabilidade. Embora tivesse a obrigação de salvá-lo, fazia coro com os demais cidadãos de que alguém precisava por um basta nessa situação. *“Faço estas promessas solenemente, livremente e sob a minha honra”.*

Enquanto o presidente era preparado para o procedimento, pode perceber a mesma aflição nos olhos de sua equipe, também já exaurida pela rotina estafante que levavam. Os sinais vitais apontavam para o inevitável. Quase sorriu, mas evitou. Contudo soltou um suspiro de alívio, ao ouvir o soar do aparelho marcando os últimos batimentos cardíacos.

*21 de abril 2020*

### **DANIEL MELO //**

É mineiro e filho caçula criado pela avó. É também graduado em Psicologia e História. Sua experiência profissional e acadêmica envolve áreas como segurança pública, gestão cultural, avaliação de projetos e estratégias de comunicação e participação social.



uma pandemia anunciada  
e eu só penso que  
eu gostaria de estar aí para cuidar de você  
para te lembrar de todas as orientações  
para não te deixar se alimentar mal  
e cuidar de tudo pra você não precisar se preocupar

uma pandemia anunciada  
e eu queria estar aí pra te tranquilizar  
e pra passar álcool em gel nas mãos junto com você  
e falar de como esse teu “TOC de limpeza”  
tem sido mesmo necessário

uma pandemia anunciada  
e se fosse pra ficar isolada  
queria que fosse contigo  
debaixo das cobertas  
dentro do nosso quarto  
onde sempre me senti segura de qualquer coisa

uma pandemia anunciada  
e eu só consigo pensar que queria te proteger  
e em como o teu trabalho te expõe  
e que eu quero te ligar pra lembrar da máscara  
e de evitar muito contato físico  
e te contar das últimas notícias que acho que ainda não viu

e te dizer pra se cuidar  
já que eu não posso te cuidar  
mas talvez você me diga pra não me preocupar  
que você sabe o que fazer  
afinal você sempre sabe

uma pandemia anunciada  
e o que me adoecer é saber  
que a gente não vai ter essa história pra contar  
de como a gente se cuidou mais uma vez  
ou de como eu estoquei arroz arbóreo  
pra cozinhar o risoto que você ama  
pra não deixar acabar o teu prato favorito  
pra não deixar a gente acabar

tanta coisa que a gente não vai viver  
porque não sobrevivemos a nós  
e não há remédio capaz de salvar o nosso amor  
se só eu desejo a cura

*14 de abril 2020*

### **DÉBORA ANDRADE //**

É estudante de jornalismo e bacharela em Direito, trabalha numa agência de comunicação e não consegue se ver longe das palavras. Apaixonada pela escrita desde criança, teve um blog na adolescência e desde então decidiu partilhar esse "sentimento do mundo". É uma romântica incorrigível e coleciona histórias para rir e chorar. Vive a vida fazendo arte, é a forma mais leve que encontrou para viver. O resto ela conta no caminho.



Prece utópica!

Gostaria que nesse momento todos tivessem casa, alimento e higiene garantida!

Gostaria que todos pudessem fazer uma pausa, desacelerar...

Gostaria que pudessem usar essa pausa para desenvolver o que amam fazer na vida, mas que nunca tiveram tempo para.

Gostaria que nesse período de tantos lutos, pudessem fazer algo não para sobreviver, mas para viver bem... que fizesse cada um transbordar seu amor e exalar seu perfume.

Gostaria que todo mundo tivesse um amor profundo, além do amor próprio, para passar por esse período com o alimento amor. Essa “vitamina” faz tanta diferença na vida, no caos.

Gostaria que as pessoas tivessem tempo para pensar sobre o que faz e não faz mais sentido na vida delas.

Gostaria que as pessoas pudessem dizer não para tudo que passa por cima delas como um trator!

Gostaria que mudassem a noção de valor e importância no coletivo, que a noção de superior e inferior fosse revista, assim como a de herói! Por que o cantor que faz a live tem mais valor do que o coveiro que enterra centenas de pessoas por dia? Do que os médicos, enfermeiros, zeladores, auxiliar de serviços gerais, etc.? Você faria o que eles estão fazendo



agora? E pelo salário que ganham? Gostaria que o valor e o  
salário dado a eles fosse superior...

33

Gostaria...

### **ÉRIKA TAYNA GONÇALVES MEDEIROS //**

É professora, escritora e criadora do Projeto Foz no Furró. Trabalha como professora de Língua Portuguesa. Escreve textos em sua rede social sobre suas próprias reflexões para compartilhar com as pessoas. E por ser apaixonada por dança, criou o Projeto, Foz no Furró, com o objetivo de divulgar e disseminar dança para as pessoas de modo leve, criativo e divertido.



**panegírico** gíria sapatão onírico substantivo masculino eu-  
-lírico excitando recitando epopeia zami panaceia vira zambi  
marra zumbi garra narrativa oralidade comunicativa kor-  
poralidade não kativa legaliza kanabis sativa bomba ativa  
bombando bombom vegano bumbum nos plano nos pano di  
bombeta ostentando kaneta camiseta da sapataria eu kare-  
ta kem diria hard kore além da pornografia kaligrafia grafia  
fia fita a fita grafita libertário não otário é kente eloquente  
elokusão inteleção intertextualidade intelectualidade inte-  
ligibilidade jáo ó mona okó oboró ando só jamais tá a mais  
demais tamanho g essas roupa folgada takanho extranho  
exagero não pro mensageiro malokeiro mago das rimas sina  
íntimo do ritmo em poesia kortesia tá tendo nos pekenos  
detalhes vai vendo desenhando sim desdenhando não enfim  
epistemologias brankas são tranka kuando o euro tá no cen-  
tro tecnologias pretas são chave tanto ke naves nos levam  
pro afrocentro epicentro tá dentro saravá ori-entação sigo  
são y salvo salve os da rua luz da lua noiz se kruza nas enkru-  
za bluesdyke kero os like vá de bike ela é meu hype favela de  
nike é akilo estilo kachorro esse ano não morro pekenininho  
sou miudinho sapatão no sapatinho invokado as vezes bravo  
as vezes brado evokando konvokando konvikando madame  
satã talismã meia de lá se pãn adkirir koragem inkirir histó-  
rias kapoeiragem inkorporar memórias não keremos mar-  
gem orar pro mal não me pegar kampo de batalha kuidado

fio fio da navalha bolado kalado alado komo diria mestrão karlos de assunção tenho um tambor tenho um tambor tenho um tambor dentro do peito tenho um tambor dissolvendo o rankor salvador é a partilha do amor matilha uivando kaçando nas pistas dançando polo de listra chaveando chamando chegando xavekando xamâniko dinâmiko romântiko tântriko no agrado não desagrado kuando sou sagrado sapatão sapão fazer sabão lazer sem breja nos brejo não breko nas perereka sapeka pererê saci erê logo aki malino makino fé-minino muleke mesmo kareka agente é black black power black panther ainda ke leopardo pardo nun finda o passado eskuro sente pressente presente é afrofuturo demonstro meus monstro teimoso raivoso tenebroso piso na bola chora agora dou mankada desandou fita errada produzo reproduzo eskema sistema mas firmão um sapatão na kaminhada komum mais ke nada reeducação ressocialização redução de danos seguir os planos kimera kem me dera alkimista otimista estudando kímika klínika projetar prokriar ventura kura prokura litera-eskura eufórika retórika alegórika diaspórika amigão formigão artesão das letra né não pretas karismátiko performátiko melódico melodrama negro drama damas sem trama meio lúdiko rainha seu súdito pretinha telepatia teletela sem simpatia favela fuck the kings exceto drag kings hey juninho play neguinho tamanko arranko sangue origem mangue vertigem kontradição tiração representação representa não no dia a dia dialeto periférico mais uma vez eskrever em pretuguês eskurecer dos ossos a tez nossos antigos ke agraciaram kom a graça das palavras nas mentes lavrada a terra sementes kultuar kultivar germinar regar eita já é hora da kolheita dos grão raízes jão botar no painelaço brotar no

36 panelafro fases y faces eu-líriko sapatão oníriko ginga gira  
giro **panegiriko**

*São Paulo, 27 de abril 2020*

### **FORMIGÃO //**

vulgo formigão (formiga) pele parda 29 ano kontrariando as estatistika (1990) cria do extremo sul da zona sul, poeta, kapoeira y sapatão. publikei em umas antologia literária tipo *perifeminas* (2013), *além dos quartos* (2015), *poemas para combater o fascismo* (2018), *a resistência dos vagalumes* (2019) y etc. espalhei uns fanzine de poema pela rua: *aversão poética* (2012 - 2015), *eu-lésbika* (2014) pela edições herética, *seis sentidos* (2016). trampo kom a edições formigueiro de fanzines marginais desde 2017. faço o kuadrinho aperiódiko *lesbo ódio* (2018 - ). *afro latina* (2018) é meu livro de poema pela padê editorial relançado em 2020 com novo prefácio. *tatear* (2020) é um zine de poema erótiko pela edições formigueiro.



ele tenta pensar em algo para escrever, tenta desenvolver alguma ideia para um texto, um poema quem sabe, mas acha melhor não, já escreveu poemas demais esses dias em que muita gente têm escrito tanta coisa e outras só logram a brancura do papel ou a tela iluminada do computador sem nenhuma revelação superior, nenhuma inspiração salvadora, chega a pensar em uma peça, talvez, só nunca conseguiu se ver como dramaturgo apesar de uma ou outra aventura teatral nos anos escolares, ele sabe claramente que o que sempre quis escrever é prosa, sempre quis ser escritor, visto e reconhecido assim, e acredita que neste momento é o melhor que pode fazer para evitar a ansiedade dos dias e a falta que sente de tudo o que antes incomodava, ainda assim desconfia da qualidade dos contos que arrisca escrever e pensa em tudo o que pode escrever, o que gostaria de escrever enquanto higieniza as mãos e o cabo do carrinho do mercado com álcool em gel 70% preparando-se para percorrer os corredores do mercado, o rosto coberto por uma máscara de tecido improvisada feita às pressas e comercializada por sua vizinha, ele que sempre gostou de supermercados e estranhamente sempre enxergou esses locais com alguma felicidade ou regozijo por estar no meio de tantas embalagens, cores, sabores e aromas possíveis que o transportavam e ainda transportam para um lugar de paz, ele se lembra que quando era pequeno costumava ir com seus pais às compras mensais e enquanto a mãe conferia a lista, o pai pegava os

produtos e alimentos e ele se divertia sentado dentro do carrinho ou correndo pelas seções em busca de besteiras que o tirassem do tédio dos dias amenos em casa, lembra que naquele tempo, embora já houvesse vírus e bactérias circulando pelo ar, sendo transmitidos de pessoas para pessoas, ninguém se preocupava com máscaras ou a higienização regular das mãos e das compras ao chegar em casa e enquanto estaca em frente à prateleira de leite condensado concorda com a fala da repórter que ouviu na tevê antes de sair, para quem os brasileiros e as brasileiras têm muito o que aprender com os orientais que sempre se valeram de máscaras como forma de proteção e de impedir a transmissão de gripes e resfriados, uma forma de educação que precisamos adotar, ela disse, e ele repete isso mentalmente ao mesmo tempo em que busca na memória o que anotara na lista de compras e perdera antes de chegar ao mercado, afinal nunca foi cuidadoso como a mãe, mas sabe que precisa de uma boa quantidade de leite condensado e ao menos duas latas de achocolatado para fazer brigadeiro e tentar suportar os dias de carência, assim como pegar a promoção de cerveja para beber enquanto assiste aos filmes e lê os livros que sempre adiou, como o que o seu ex-namorado lhe deu no seu último aniversário e ele não teve coragem de ler nem de jogar fora por causa da linda declaração que ele deixou, o mesmo ex-namorado com quem sonhou encontrar na rua, junto com o seu noivo atual que ele conhece apenas por fotos e por quem não nutre nenhum tipo de sentimento ou opinião, o que ele sabe é que precisa ler aquele livro e que estranhamente não se incomodaria caso encontrasse com o ex, mesmo que ele estivesse com o outro, sabe que seria bom um abraço, sabe que não existem mágoas ou coisas para resolver e ele sente

falta da amizade que havia entre os dois, muito mais agora após a morte da mãe, quatro anos depois da morte do pai, os dois que voltavam com ele de táxi para casa quando saíam dos supermercados da infância, viagem que ele esperava ansioso acreditando que andar de táxi conferia algum status social ou econômico para à família diferente dos vizinhos, coisa que agora sabe que nunca foi real, agora que ele está sozinho, filho único que sempre foi, pensa que precisa escrever, pensa no que escrever, e tudo o que consegue é se perder na leitura dos rótulos, investigando os valores do arroz torcendo para que ninguém se aproxime menos de dois metros dele, ele pensa em voltar o quanto antes para casa, lavar todos os produtos e tomar banho, sabe que fará um ritual demorado, coisa que o perturba e cansa sempre que precisa ir às compras, antes mesmo de ir às compras, o que o confortava na infância e hoje o assusta, sabe que os noticiários não mentem, ele sabe que depois que passar pelo corredor das carnes e solicitar seus quilos de bife e carne moída deverá se encaminhar para o caixa, depois o carro, depois todo o processo de higienização, depois o vinho tinto seco que sempre compra, depois alguma leitura, depois a tentativa de escrever algo, embora nenhuma boa ideia tenha lhe surgido ainda, embora não tenha conseguido pensar em nada para escrever, é bastante claro para ele que precisa segurar a caneta e tentar uma e outra e outra vez qualquer coisa no caderno para encontrar algum sentido, porque precisa escrever, porque precisa provar a si mesmo que existe, que continua vivo e precisa deixar as suas marcas, afinal ninguém sabe quem continuará vivo ou não, basta ouvir os telejornais ou as conversas nas ruas, ele sabe que precisa escrever mesmo sem saber o que, talvez sobre a sua ida ao mercado, talvez so-

40 bre o sonho do encontro que teve com o seu ex-namorado e seu noivo, sonho que o fez lembrar de uma frase que ouviu em uma das muitas séries que assistiu nos últimos dias e que dizia “o amor é um selvageria”, coisa que grudou em sua pele mas não chegou a inspirá-lo verdadeiramente, mesmo sabendo que precisa retomar o seu projeto ou sonho porque acredita que escrever é a sua respiração, porque acredita que este é o momento, que é o que ainda pode fazer ou o que lhe resta fazer, mesmo que muitas vezes, como nesses dias, não saiba sobre o que ou como escrever ou como começar ou terminar, ele apenas sabe que escreve como quem sabe que amanhã haverá outro dia e talvez um novo texto, ou a continuidade de um texto, ou talvez o fim de um texto, ele sabe

26 de abril 2020

### JOÃO GOMES //

Nasceu em Queimados, no RJ, em 1993. É professor, historiador, poeta e militante LGBTI+. Mestrando em Sociologia e Antropologia (UFRJ), pós-graduando em Estudos Linguísticos e Literários (IFRJ), mestre em História Social (UFF) e licenciado em História (UFRRJ). Como poeta, publicou a zine *Primeiras viagens* (Edição do autor, 2014), a plaquete *Fui a Lisboa esquecer um amor* (Juiz de Fora: Edições Macedo, 2016) e o livro *O que ri por último* (São Paulo: Editora Patuá, 2020).





*à Helô*

Danem-se, agora, os poemas de amor.  
Urge falar de alguns assuntos  
mais sérios  
o gás  
o golpe  
a direita atômica  
a esquerda atomizada  
o centro evangélico-umbandista-ateu-mordeeassopra  
os banqueiros carismáticos  
o analfabetismo funcional  
os militantes sem razão  
a razão sem militância  
os jovens suicidas  
os boletos-bombas-relógio  
os livros de Raul, que nada dizem de importante  
o adultério econômico  
a prostituição das ideologias  
os pastéis recheados de ansiedade  
as tardes de tédio  
as noites de insônia  
as manhãs de desespero  
e o tédio outra vez.

Para quem os poemas de amor  
se a esperança é privilégio dos  
desinformados?

42      Cadê a revolução há tanto anunciada?  
Adiou-se novamente? Ou distraiu-se  
a ler Florbela Espanca?  
Nossos homens de papel, onde estão?  
Por que o medo de se incendiarem?

Piva, o século XXI te dará razão!  
Que venham logo os cavaleiros do apocalipse,  
montados sobre belas  
e tenebrosas feras,  
anunciar o início dos tempos.

Que tragam consigo  
sob os fétidos braços,  
além dos frangalhos da esperança,  
os crânios dos tiranos envoltos nos  
poemas do amor possível.

Que, enfim, o caos nos irmane a todos,  
como não conseguiram Deus e nem Marx.



**MARCO AURÉLIO ABRÃO CONTE //**

É mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Araraquara, bolsista do CNPq e membro do Grupo de Estudos Culturais (GECU) da UNESP-Franca. Diretor e produtor teatral.

Tudo vai passar!

Fique bem.

Fique em paz.

É só uma pausa.

Pausa para refletir, repensar, descansar, orar, falar, rever, dialogar, suspirar...

Desligar o botão do automático e perceber a vida.

Pode parecer pura ilusão, utopia, divagação de quem não tem contas para pagar. Mas, pense: tá todo mundo no mesmo barco!

Não tem branco, preto, rico, pobre, desempregado...

Ansioso, calmo, otimista, realista, pessimista...

Está todo mundo onde sempre estive: abaixo das leis universais da evolução.

Força, fé, coragem.

Tudo vai passar!

*06 de abril 2020*

**MÔNICA MOREIRA //**

Sou do Espírito Santo (ES) e em 2010 resolvi publicar meus devaneios em *blog* com a pretensão simples e pura de escrever para não surtar.



*15 de março*

registro temporal: a escrita também é intuitiva, sim. todo caminho é caminho. estamos entrando em quarentena por causa do coronavírus. que loucura! um vírus nem é um ser vivo! eu amo tanto umas músicas do cd gospel do puto do kanye west que eu poderia dar pra ele. mas parecem mini férias. ninguém nem sabia que quarentena não significava quarenta dias. estou tentando ser feliz & adulta ao mesmo tempo. dessa vez é diferente. fazer análise tem sido muito bom, vou na sexta. não estamos achando álcool em gel pra vender. briguei com meu pai por causa do corona. eu não sei conversar com ele. queria muito comer chocolate e não comprei. comprei um sorvete de casquinha recheada com nutella que estava a perfeição. ouvi um podcast de literatura muito bom. eu não sei o que estou fazendo. a mulher que eu quero ser é artista & intelectual. tô cheia de tesão.

*19 de março*

um planeta inteiro lidando com um mesmo inimigo invisível. são tempos estranhos. o céu fechou do nada. mas essa ainda não é a chuva que lava a alma. hoje beijej na boca. minha menstruação está chegando, quero viver essa conexão. as formigas estão acabando com as minhas plantas, parasitam toda a casa. estou feliz com minhas produções recentes. hé-cate, eu já fiz minha escolha? estou lendo 1984. é realmente

muito bom, me prende e me deixa curiosa e é chocante nas semelhanças com o mundo real. que sagacidade de percepção na linguagem! mesmo dizendo que não sei conversar com meu pai, é inegável que ele tem um fio de consciência de classe instintivamente real. pras coisas que ele me disse, eu não tenho nenhuma resposta. como ficam aquelas pessoas que não tem sabão? que nem água limpa chega? os moradores de rua? já tem mais de um ano que voltei. a fuga pra escrita é alienação ou cura? essa pergunta é justa?

*28 de março*

ler notícia faz mal. que urgência de calar o mundo lá fora! eu não sei ser menos eu. ser eu é estar na zona de conforto? estou vendo como podem existir coisas que estão ainda mais além do nada. por que a gente tem medo do que a gente quer? mas eu estou confiante. quase me sinto segura. me sentiria mais se pudesse abraçar. sinto saudades esquisitas de pessoas que nunca vi. hoje estou sem paciência pra internet. cortei o cabelo anteontem. tenho vontade de ficar bêbada, mas como fazer isso aqui? minhas depilações estão vencidas. amo ver as nuvens se mexendo. estou sendo assombrada por tudo que me afasta de novo. isso nunca passa? é tão bom poder criar, ter tempo para pensar no que importa, vibrar a presença, não a ausência. por que eu estava tão otimista sobre esse ano?

### **NATHÁLIA RINALDI //**

Petropolitana, vive e mora na cidade. No Rio de Janeiro, viveu entre 2012 e 2018 enquanto cursava a graduação em letras - português/literatura e a pós-graduação em literatura brasileira, ambas na UERJ. Professora, também oferece oficinas poéticas. Já colaborou em roteiros cinematográficos, revisões e orientações textuais. Instante, escreve.



O silêncio é a hora mais esperada do dia: A noite caiu.  
Eu espero às 22h para fechar a porta e me despir.  
Despir de tudo, tudo.  
Silenciei o celular, o coração, a cabeça e só abri o livro.  
Gosto quando todos dormem e eu posso me observar,  
calar meus monstros e criar outros.



**RITA BOCATO //**

Vinte e quatro anos, bebedourense, historiadora, professora e bailarina mambembe. As coisas não são necessariamente nessa ordem.

Tentei matar minha irmã ontem! — *Sim, ele tentou! Vamos de máquina do tempo!*

Eleições 2018. Ela é direita. Ele, esquerda. Ela hétero. Ele, longe de ser hétero. Dedos em riste. Deboches. Discussões. Gritos. Ela venceu. Mais deboches. Sem discussões — *irracionalidade*. Explosão de gritos. Muitos gritos. — *Ele tentou matá-la com seu silêncio.*

Também tentei matá-la quando criança! — *Essa história é antiga! Roda VT!*

Infância, anos 2000. Ela é mais nova. Ele, com o demônio no corpo. Brigas. Puxa cabelo dali. Chuta joelho acolá. Cuspes no rosto. *Foi ele! Mentira, foi ela!* Acusações. Muitas *falsas* acusações. E choros também. Muitos choros. — *Ele tentou matá-la com seu escárnio.*

Mas nossa história nem sempre foi violenta! — *Tom se referindo a Jerry. Imagens.*

Brincavam muito. Ela sendo atriz. Ele, filmmaker. Faziam historinhas juntos. Ele dividia suas batatas fritas com ela. — *Divisão desigual, óbvio.* — Ali, a guerra cessava.

*E por falar em guerra, quando ela começou?*

Não se sabe bem, mas é fundante a memória de uma recusa. Ela, oferecendo um copinho de café-com-leite que ela mes-

48 ma preparou. Ele, vendo espuminhas em cima da bebida. É cuspe! Não é! — *Crianças...* — E recusou! Ela chorou.

Foi meu primeiro assassinato. — *Quando não há intenção de matar.*

Cresceram. Ele saiu de casa. Faculdade. Mora sozinho. Distante. Ela ficou em casa. Trabalhava com o pai. Morava com a mãe. 3 anos que não moravam juntos. Até que...

*“Prefeito do estado de SP decreta quarentena para impedir o avanço do...”*

Quarentena. Ele volta pra casa. Casa da mãe. O reencontro.

*A atriz e o filmmaker. Cena de faroeste. Câmera lenta. Ele abre a porta. No extremo oposto, sua antagonista. Caminham um em direção do outro. Lentamente. Armas na cintura. Respiram. Ofegantes. Respira. Respira. Respira. Até que...*

Passaram a conviver. Ambos diferentes *desde a última tentativa de assassinato*. O mundo virado de cabeça pra baixo. Naquela casa não seria diferente. — *Cena da amoreira.*

No quintal de casa — *eles moram num sítio* — há uma amoreira, da qual ele nunca havia comido amoras. — *Ele nunca havia comido amoras na verdade.* — Ela estava colhendo algumas. Ele passou por ela. — *Mas que cargas d’água...* — Ele perguntou se ela queria ajuda. Ela aceitou. Amorinha. Sacolinha. Amorinha. Sacolinha. Colhiam. Até que... Até que ela lhe ofereceu três amorinhas na palma suja da mão.

*Flashback. Infância. Assassinatos. Não, não lembrou dos assassinatos. Infância.*



Ele aceitou. Comeu. *Doçurinha*. Gostou. Sorriu. Sorriu ela. Sorriu ele. Como não eram de muitas palavras, entenderam-se nos sorrisos todos. E seguiram nas amoras.

*E continuaram se aproximando. Solta o VT, diretor!*

Se um prepara seu café, oferece ao outro. Se um come sozinho, o outro se senta ao seu lado. Não apenas sorriem, conversam. Sabem um da vida do outro como numa nova infância.

*Corta para a mãe, na platéia, derrubando uma lagriminha:*

Precisou uma pandemia mundial para essas filhas da puta se entenderem, *disse, por ironia, a própria mãe.*

*Corta para depoimento dele:*

Tentei matar minha irmã ontem. Mas hoje tento amar. E, caramba, é muito difícil!

*Questionado sobre a insistência na dificuldade, o entrevistado respondeu:*

Ah, sei lá, é que nessa situação, em vez de viver do gosto amargo do sangue, a gente vive do gosto doce das amoras.

*Após suas declarações, o dito cujo e sua irmã brigaram pela louça da cozinha, mas passam bem.*

21 de abril 2020

### **ROBERTO SIMÃO //**

Roberto Simão tem alguns escritos que quer transformar em roteiros audiovisuais (estuda Audiovisual na Universidade de São Paulo) ou em dramaturgias cênicas (estuda Dramaturgia na SP Escola de Teatro), mas alguns escritos seus parecem ter vida própria e impedem sua transformação em coisa alguma que não seja palavra.



Cuando sólo existía, luchaba incansablemente para librarme del dolor, del recuerdo y de la angustia, pero ellos me venían. La cuarentena de un virus misterioso vino a mostrarme que puedo volver a ser, volver a soñar, que la pesadilla que viví durante años, era nada más que un temblor y yo me había quedado debajo de los escombros aún cuando la catástrofe ya había pasado.

He vuelto a soñar, he abrazado a mis amigos que viven lejos, he corrido en la pradera, he nadado en aguas cristalinas, he paseado por el mundo, me has dado la mano, hemos caminado... he vuelto a soñar.

Me has traído de regreso al mundo onírico y he decidido vivirlo, despierta o dormida, seré. Y tú? De qué galaxia vienes? Como de tan lejos me has dado tanta paz? Cómo me has hecho recordar lo que era y lo que soy?

“Non me ne frega um caczzo”<sup>1</sup> cuánto esto dure, todo lo que quise eternizar se acabó en un pestañear; “que sea eterno mientras dure”, como ya lo dijo Vinícius de Moraes en su “Soneto de Fidelidade”.

A los amores que me rechazaron, a las manos que me golpearon, a las pobres almas que me encerraron, qué fuerza que me dieron! A los amores que me amaron y a los amigos,

---

1 Traducción ITA/ESP: me importa un comino.

a todos aquellos que me dieron la mano y me devolvieron las alas, allá voy. Vuelvo a volar, prefiero ser sueño en realidad.

51

*27 de março 2020*

///

## **PREFIRO SER UM SONHO NO REAL<sup>2</sup>**

Quando somente existia, lutava incansavelmente para me livrar da dor, da lembrança e da angústia, mas elas me venciam. A quarentena de um vírus misterioso veio me mostrar que posso voltar a ser, voltar a sonhar, veio me mostrar que o pesadelo que vivi durante anos não era nada mais que um terremoto que me deixou soterrada nos escombros, ainda quando a catástrofe já havia passado.

Voltei a sonhar, abracei meus amigos que moram longe, corri nas pradarias, nadei em águas cristalinas, passeei pelo mundo. Tu seguraste minha mão, caminhamos... voltei a sonhar.

Me trouxeste de volta ao mundo onírico, e decidi vivê-lo; dormindo ou acordada, serei. E tu? De que galáxia tu és?

---

<sup>2</sup> Tradução de Gabriel Galbiatti Nunes, revisada pela autora do texto.

52 Como, de tão longe, me trouxeste tanta paz? Como me fizeste lembrar o que eu era e o que sou?

“Non me ne frega um caczzo”<sup>3</sup> quanto tempo isto permaneça. Tudo que um dia quis eternizar acabou com um piscar de olhos. “Que seja infinito enquanto dure”, escrevera Vinícius de Moraes em seu “Soneto de Felicidade”.

Os amores que me rejeitaram, as mãos que me golpearam, as pobres almas que me aprisionaram, quão forte me tornaram! Os amores e amigos que me amaram, todos aqueles que me deram as mãos e me devolveram as asas, estou indo de encontro a todos vocês. Pois voltei a voar e, deveras, prefiro ser sonho no real.

---

3 “Eu não dou a mínima”. Tradução livre para o português do italiano.

### **VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ //**

Verónica nasceu na Argentina e mora no Brasil desde 2011. Professora de Português e cantora, é metida a ler clássicos em francês com a ajuda de muitos dicionários, escreve quando fica triste ou está loucamente apaixonada e estuda piano quando a rotina deixa. Sua trajetória na escrita é nula, não assim na leitura e na música.



“É isso, acabou, não tenho mais porque insistir. Tudo que eu tentei nessa vida deu errado. Só fracassei, só me decepcionei, só me magoei, não tem porque eu continuar com esse fracasso.

Não fui capaz nem de seguir meus sonhos: acabei caindo no comodismo, em vez de me dedicar à carreira de saxofonista, da qual eu tinha certeza que poderia dar certo. Acabei aceitando fazer aquela faculdade de contabilidade, pois meus pais falavam que era algo mais “seguro” e “confiável”, que eu conseguiria me sustentar sem nenhum tipo de problema, por medo de arriscar no que realmente desejava. E lá fui eu: fiz a faculdade, me formei, e comecei a trabalhar logo em seguida.

E hoje aqui estou eu, desempregado, vítima de uma pandemia, da qual ninguém poderia imaginar que viria, e as proporções que ela tomaria. Pandemia que fez a empresa que eu trabalhei por mais de 20 anos me mandar embora. Empresa do qual eu fui praticamente um escravo.

Eu sempre fui tratado como um servo lá dentro: sem respeito de ninguém, sem consideração, sem compaixão, trabalhando de finais de semanas e feriados. Até no dia que peguei dengue e pela primeira vez fui pegar um atestado. Ao ligar para meu chefe falando que não iria, ele veio insinuar que estava exagerando só para não ir trabalhar. Como se algum dia eu fizesse questão de ficar em casa, como se eu não obedecesse e fizesse tudo que eles me pedissem. Realmente, devo ter sigo um

54 péssimo escravo para eles, pois, afinal, não vejo outro forma de ser chamado naquele lugar.

Amigos? Só tive um amigo de verdade nessa vida, amigo esse que era de 4 patas. Pequeno chico, meu eterno companheiro. Perdi ele já faz 2 anos, e até hoje, ao lembrar disso, dói muito. ” O homem para um pouco de escrever, para tomar um gole de água e se recuperar da sua tristeza a lembrar de seu falecido cachorro. “ Ele estava comigo em todos os momentos mais difíceis: sempre disposto a tentar me alegrar, me lambe, se esfregar em mim, com um olhar sincero que só queria meu bem. Nunca pediu nada para mim. Mesmo quando eu, distraído, esquecia de colocar sua comida ou água, ele dava seu jeito. Tentava abrir o armário para pegar a ração, ia no box depois que eu saía do banho, para lambe o chão molhado e matar sua sede. Brincava muitas vezes sozinho, quando eu não estava lá pra fazer isso. Ele tentava pegar as moscas, brincava com uma bolinha velha que dei para ele assim que o peguei, ou brincava com a própria sombra no quintal. Ele foi o único parceiro de verdade que tive na vida. Os humanos só me magoavam, me julgavam: eram egoístas, traíras e cruéis.

A única que parecia ser diferente, acabou se mostrando igual todos os outros - agora só falta falar de você. É, você mesmo: a única pessoa que ainda tem motivos para vir à minha casa. Para vir pegar as coisas da nossa filha, que eu não coloquei de propósito em sua bolsa, para você me encontrar enforcado no quarto. Quarto que era dela, até você me deixar e levá-la junto. E não só isso: como também pedir guarda dela, tirando de mim, a única coisa que eu ainda realmente me importava, fazendo eu só conseguir vê-la, em alguns certos finais de se-

mana. Finais de semana esses que você está ocupada saindo com seu novo namorado, ou com suas amigas fúteis e falsas, ou com sua família mesquinha. Você soube me enganar como ninguém nunca tinha conseguido antes: sempre falava um “eu te amo”, que eu era o amor da sua vida, que nunca estive mais feliz, mais realizada, até que um dia, tudo simplesmente mudou. Assim do nada, e você nunca me explicou direito por quê. Talvez por medo de eu saber a verdade, e dessa forma não querer mais viver. Mas você esqueceu que deixar uma pulga na orelha de alguém é a pior coisa desse mundo. Ainda mais na minha orelha, porque eu só pensei, e ainda penso, nos piores cenários possíveis. Você sabe quais são eles: já te falei inúmeras vezes. Mas em vez de você me dar uma resposta decente, só fugia do assunto e fugia de mim. Agradeço, porque depois de tanto descaso que você teve comigo, vejo que realmente eu só vim para fazer a menina mais linda do mundo nascer, nossa pequena Isa. Como eu a amo, prometi sempre cuidar dela, sempre estar presente, ser o melhor pai possível. Mas você tirou isso de mim também. Não posso ir vê-la, sair pra tomar sorvete ou levá-la ao parque. Não posso fazer nada sem que você me permita antes. Só não me suicidei antes, por causa dela. Mas hoje eu vejo que vai ser melhor até para ela. Afinal, se não for ajudar, então não atrapalha, e com a minha cabeça de hoje não”.

— Pai, você não vem - disse uma linda menina ao abrir a porta e ver seu pai escrevendo algo em seu caderno.

— Claro filha já estou indo.

56 Então, esse mesmo homem, tira essa página do caderno, coloca dentro da gaveta, e vai embora junto com sua filha, torcendo para que algo nesse caminho, o faça mudar de opinião mais uma vez.

*22 de abril 2020*



**VINÍCIUS VIEIRA GALVÃO //**

tenho 21 anos, atualmente frentista, na cidade de Araraquara SP, casado, com o sonho de ser escritor.





Ao clicar na imagem, você poderá conhecer o processo de  
feitura da capa pela talentosíssima **Camila Souza**

# PUXADINHO

O espaço ficou pequeno, por isso precisamos ampliar a *HABITAT*. Acontece que isso não estava nos planos iniciais...

Na primeira edição da revista, publicamos um total de 42 textos. Quando nosso diagramador recebeu todos esses trabalhos, com o curto prazo que estabelecemos para ele, ele teve um pequeno surto e perdeu um tanto bom de cabelos.

E, ao percebermos que para a segunda edição da revista teríamos um volume ainda maior de textos para publicar, ficou claro que precisaríamos levantar um novo cômodo em nossa *HABITAT* para abrigar seus novos residentes.

Nesse momento, nos deparamos com uma prática bastante comum na construção brasileira: a de ampliar uma moradia, adicionando uma obra anexa não prevista na sua planta original. A essa prática dá-se o nome de *puxadinho*<sup>1</sup>.

Surgiu, assim, o *Puxadinho* da *HABITAT*: espaço aberto na plataforma Medium, cujas publicações ocorrerão a partir do dia 06 de maio de 2020 — data em que disponibilizaremos o link de acesso à plataforma em [nossas redes sociais](#) e também no [nosso site](#).

Assim, conseguiremos manter o resto de sanidade e retardar a calvície de nosso diagramador, além de sustentar nossa

---

<sup>1</sup> Esse tipo de construção levanta uma série de questões sociais que, talvez, num momento oportuno, deverão ser abordadas por nós. Mas, não acreditamos que agora seja a hora para isso.



proposta inicial: trazer à cena os pensamentos e sentimentos que estão borbulhando dentro desse nosso habitat interno & externo, próximo & distante para que sejam compartilhados e tornem estes dias mais saudáveis e menos hostis.

Estamos crescendo e quem cresce, sempre muda. A cada mudança, esperamos crescer para fora do medo, a fim de cairmos para dentro da confiança.

Um forte abraço virtual e até já,  
Gabriel & Lígia & Victor

## Artefato Edições

rua dos uirapurus, 187  
jardim primavera 14404 030  
franca sp  
brasil

[+55] 16 981 895 764

[www.artefato.art.br](http://www.artefato.art.br) / [conjuntoartefato@gmail.com](mailto:conjuntoartefato@gmail.com)

comissão editorial // gabriel galbiatti nunes & lígia sene & victor prado  
assistência editorial // nayen tenani  
projeto gráfico // victor prado  
capa // camila souza

Respeitando as variantes do português, a coordenação editorial decidiu manter a grafia original de cada texto, segundo a escolha da/o respectiva/o autor/a e tradutor/a.

habitat, 02 // franca, sp: artefato edições, 2020. 62 p. ; A5.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira.

CDD B869.8



**HABITAT** é nossa publicação digital / emergencial / gratuita / de periodicidade indefinida. Ela se utiliza da Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

edição 02 / maio / 2020



[artefato.art.br](http://artefato.art.br)